

### **3a. PARTE — PROSA DE FICÇÃO**

## **CRÔNICA SANGRENTA DE UM AMOR BALDADO**

**José Hélder de Sousa**

“O amor é fumaça formada pelos vapores dos suspiros. Purificado é um fogo chispeante nos olhos dos amantes. Contrariado, um mar alimentado pelas lágrimas dos amantes. Que mais ainda? Loucura prudentíssima, fel que nos abafa, doçura que nos salva. Adeus, meu primo.”

**William Shakespeare** (“Romeu e Julieta”).

“Por eso es tan terrible ver la sangre de una derramada por el suelo. Una fuente que corre un minuto y a nosotros nos ha costado anos.”

**Federico Garcia Lorca** (“Bodas de Sangue”).

Morto, ninguém o reconheceria, desfigurada a trágica face do defunto. O rosto oval, belo enquanto vivo, olhos grandes, pele trigueira, lábios grossos, estava lanhado, sulcado em vários rumos, em desespero, pelo fio sem acume da navalha, a mão, a própria mão conduzindo a lâmina, à procura da morte, na carótida.

Visto assim, posto no caixão, nem parecia o plácido amigo das horas benfazejas.

Quando a tarde descia, o sol equatorial a esmaecer-se lá por trás da alta serra da Meruoca, às quatro horas, descia, para a estação do trem, a moçada alegre, em férias, a ver partir ou chegar os viajantes amigos, os parentes, os simples conhecidos ou, ainda, as mais enigmáticas e estranhas figuras vindas de terras distantes, caixeiros viajantes. Eram minutos raros, fugazes, mas densos, ricos de emoção e de prazeres, às vezes minutos doloridos de despedidas no pouco tempo da parada do trem.

Para ali, o pátio da estação, naquela hora amena da tarde, vinham todos: os notáveis da cidade, o rico comerciante, o dirigente político, o prefeito, o médico, o farmacêutico, meu avô, coletor federal, o delegado, o tabelião e o padre. Por entre todos sobressaindo-se pela garrulice, os jovens estudantes, as moçoilas casaduras e, de permeio, as vitalinas alcovitando e falando da vida alheia. Cantava-se: “Moça velha quando vai pegar o trem, levanta logo a saia, não se importa com ninguém.” “Moça velha quando vai se confessar pergunta logo ao padre se é pecado namorar”.

Namorar. Namorar era o fator maior da ida dos rapazes e moças à chegada e partida do trem, no pátio da estação, posta no meio da grande praça, o Rio das Contendas passando nos fundos, contornando a cidade margeado por cajueiros e verdes oiticicas.

O trem chegava apitando, resfolegando, chiando e soltando uma fumaça esbranquiçada, ao parar frente ao edifício de paredes amarelas, duas águas com uma puxada na frente, o desembarcadouro. A máquina e seus carros ficavam poucos minutos, o tempo só de saltar ou embarcar alguns poucos passageiros. O apito agudo do chefe do trem determinava a partida e os adeuses. Quem se despedia de entes queridos viajores, ali ficava alguns momentos, olhar perdido na perspectiva da linha férrea, a terminar onde o trem sumia apitando um rastro de saudades. Quem recebia alguém, se ia com a visita para casa. Quem lá ia só para ver o espetáculo dos adeuses ou os afagos do recebimento, e estava só a passeio, no namoro vespertino. Feitas as despedidas em desalento, ou a acolhida alegre, o trem se indo, minutos depois só ficavam os rapazes e moças, como convém, no jogo inocente dos primeiros amores.

Ao frescor da tarde aquela rapaziada em festa, rindo e cantando, descia a linha no sentido contrário do que o trem fora, para o passeio à ponte durante até os últimos minutos do dia a ver o crepúsculo a dourar as águas mansas do riacho. Da estação até a forte armação de ferro fincada, amarrada, em quatro ciclópicas pilares de pedra e cal a sustentar os trilhos sobre as águas do Contendas, caminhava-se uns bons quinhentos metros, moças e rapazes equilibrando-se sobre a linha de aço, mãos dadas, a rir e a folgar do desequilíbrio de algum desajeitado. O dar-se as mãos já era o princípio do namoro, o gesto amoroso a nascer da superficial carícia do espalmar das mãos, dedos entrelaçados. Namorados firmes, namoro velho, vinham pelo meio da linha, mãos dadas, pisando os dormentes. Nem todos iam até a ponte. Havia quem ficasse sob os ficus-benjamins da calçada do casarão do Coronel Miguel Dias. Uma meia dúzia de casais, se tanto, cumpria toda a derrota até a ponte. Lá distribuíam-se pelos quatro pilares, sentavam-se lado a lado, pernas a balançar no pequeno abismo, a conversa entre risos, na diversão inocente de lançar pedrinhas nas águas claras do riacho. Assim se ia o dia, placidamente. Antes das seis, antes do sol se pôr e da descida das trevas, o bando vinha de volta às suas casas para a ceia. Desfazia-se o grupo e só voltava a ver-se na novena ou no passeio pela avenida, sob a luz das lâmpadas penduradas em altos postes de ferro, luz mortiça

fornecida pela estrondante machombomba, devoradora de feixes e mais feixes de lenha, seu ronco estrugindo no Alto do Bode até às 10 horas da noite. Antes de parar a máquina e a cidade voltar às trevas, se não tinha lua, a moçada voltava para casa, os mais velhos esperando sentados na fresca da calçada, conversando sobre os fatos triviais do dia. A cidade dormia cedo, raros eram os notívagos nas mesas do bar-e-sorveteria da Praça João Pontes, iluminados por uma **petromax**. Alguns se aventuravam até as “Madalenas”, uma ruela do outro lado do rio, em busca do fortuito amor comprado.

Belos dias vivia-se naqueles nostálgicos tempos juninos, fins d’água, Massapê repleto de seus filhos, dos filhos de seus filhos, dos netos de seus fundadores, estudantes em colégios de Sobral, de Fortaleza, alguns de terras mais longínquas, a alegria das moças púberes da terra. Junho era tempo de fatura, se havia inverno, o rio ainda a correr, os banhos nas suas águas claras, cangapés e pulos desde o alto da ponte da Bandeira Branca, uma singular ponte de madeira a dar acesso ao outro lado do Rio das Contendas. Muitos eram parentes, primos e primas; uns mais ricos, outros mais pobres; uns amigos, outros distanciados por inimizades políticas, famílias rivais.

## APAIXONADOS

No dia da chegada de João Milton, o trem veio atrasado, devia ser cinco horas, a usina da luz já acionara a machombomba e a radiadora da praça mandava ao ar a voz potente de Chico Alves entoando a canção da moda: “Silêncio, não batas tanto assim, meu coração... Silêncio, minha alma quer adormecer, quer descansar. Surgiram as estrelas no céu”... As sombras desciam calmas sobre a cidade, a muralha da Serra da Meruoca erguida do outro lado do rio, já tapara o sol e uma frouxa luz se esmaecia sobre as coisas... “no meu peito a saudade, a quimera de um grande amor”... dizia ainda Chico Alves quando o bando de rapazes e moças viram, o trem parado, surgir, na plataforma da primeira classe, o rapagão esbelto, metido na calça caqui da farda do Liceu, com duas fitas azuis verticais correndo da cintura ao embanhado e um “slack” cor de areia, a cabeleira farta assanhada pela brisa vespertina. Sorria, um ar de felicidade no viçoso rosto em seus dezoito anos.

Naquele dia não houve passeio à ponte. O recém-chegado desembarcou, falou com os primos, conheceu outros parentes e amigos, velhos e moços, que ali estavam a esperá-lo e parou diante de Cléia, no grupo das moças. Era uma moreninha brejeira, na graça dos seus dezesseis anos, cabelos crespos espalhados em cachos sobre os ombros, narizinho arrebicado, de boneca, olhos negros e doces como se sempre estivessem molhados de emoção e lágrimas, lábios fartos, em flor, róseos. Parou e sorriu de novo enquanto lhe apresentavam a parenta graciosa; ela com meiguice riu também e lhe estendeu a mão rechonchuda. Os dedos fortes do moço, com gozo, pressionaram com força aquela mãozinha delicada, no propósito de confundir-la. Ficaram a se olhar por alguns minutos até alguém dizer uma prosa, como a acordá-los do enlevo, convidando-o a ir para

casa, enquanto Chico Alves dizia ainda: “Silêncio, não batas tanto assim meu coração”.

O dia morreu, as sombras baixaram, as luzes acenderam-se nos postes. Moças e rapazes e os senhores e senhoras vindos à estação para receber o visitante, avós, tios e tias, separaram-se rumo às suas casas. À noite, era a rotina, voltariam a se encontrar na Igreja, o vigário a puxar o terço com as “Mães Cristãs”, as filhas de Maria, as beatas, enquanto os rapazes e moças cochichavam à porta no patamar da matriz, fingindo reza, na verdade namoricos, moças e rapazes separados, como exigia o padre, em grupos ao lado da porta principal. Só depois do ato religioso, no passeio em torno da avenida, voltavam a dar-se as mãos enquanto ouviam as músicas do alto falante, o locutor anunciando os discos em oferecimentos anônimos, recatados mas insinuantes: “de alguém para alguém vamos ouvir”... Chico Alves voltava a proclamar a “quimera de um grande amor”.

### **AGUAPÉS DA LAGOA**

Numa destas manhãs João Milton e dois de seus primos, os Ferreira Vasconcelos, montaram a cavalo e partiram, às seis da manhã, para uma pequena viagem até a fazenda Olho-d'Água, na vila de Nossa Senhora dos Remédios, terras do coronel Mariano de Souza. A estrada margeava a linha do trem por quilômetros. Aqui e acolá os cavaleiros subiam o aterro do trilho para evitar pequenas lagoas ou mesmo açudes, formados pelo próprio aterro da via férrea.

Quando muito já andavam, o sol já a meio caminho do céu, João Milton atrasou-se enquanto os primos iam adiante, para dar um mergulho nas águas de um desses açudes coberto de perfumados aguapés, na margem da ferrovia. Banho breve, só para tirar um pouco de poeira levantada pelas patas dos cavalos nas corridas apostadas entre os três rapazes, brincadeiras para abreviar a viagem. O suor empastado com essa poeira, incomodava. Banhou-se rápido, temendo ser surpreendido nu. Quando voltava a montar ouviu vozes femininas no outro extremo do açude, a uns trezentos metros, ou mais. Montado, percorreu a barragem por entre os trilhos do aterro. Quatro mu-

Iheres folgavam nas águas, gozando as delícias do banho matutino. Uma matrona, sem despir o vestido, sentara-se quase à beira do açude, numa pedra, e se molhava com uma cuia. Uma outra, mais nova, vestindo combinação de cetim, estava metida nágua até um pouco acima da cintura. As duas jovens, nuas, nadavam com habilidade a uma certa profundidade e distância da margem e das outras mulheres. Lá de cima do aterro, a cavalo, João Milton pôde distinguir a nudez dos corpos jovens a cortar as águas por entre as flores brancas dos aguapés. Demorou, puxou as rédeas diminuindo o passo do cavalo, deliciando-se com a visão.

Uma delas, percebeu extasiado, era Cléia.

Talvez por malícia, ou por inadvertência, Cléia, na sua inocência, pensando não estar seu corpo, semi-imerso, sendo revelado aos olhos cúpidos do rapaz, continuou a nadar a alguns metros dos trilhos, ondinhas de águas claras cobrindo sua carne e deixando antever seu corpo moreno e roliço. Lá de cima João Milton, deslumbrado, contemplava o volteio sensual das ancas e das coxas no exercício ágil da natação. Do enlevo vieram tirá-lo os gritos dos primos a chamá-lo à distância. Antes que eles ali viessem e vissem o mesmo belo quadro, ele, com certo ciúme e recato, esporou o cavalo e partiu levando na retina o desenho daquele corpo jovem finamente recoberto por tênue véu de águas transparentes: uma visão retida para sempre em toda sua beleza, por entre os aguapés da lagoa.

## **A FUGA DO BAILE**

Enquanto João Milton e os primos empilhavam duas cargas de lenha de sabiá, na porta da casa do vovô Guilherme, preparando a fogueira a ser acesa na noite do dia 24 de junho, a fogueira de São João, Cléia passou, rindo de alegria por ir à casa de dona Marieta, a costureira, buscar seu vestido para a grande festa do "Chitão", seu primeiro baile. João Milton, com encanto, parado, uma acha de lenha na mão, acompanhou o desfilar da moça até ela sumir na esquina. Antes de desaparecer no canto da rua, Cléia fugindo à vigilância de sua guardiã, voltou a cabeça para o namorado e, piscando um o!ho,



fez-lhe leve aceno. O rapaz, discretamente, também, acenou-lhe a mão como a enviar um beijo.

Quando a noite desceu a cidade iluminou-se mais às chamas das fogueiras acesas em homenagem a São João. Era o dia da grande festa da cidade. À luz das chamas as famílias reuniam-se às portas das casas, em volta das fogueiras para brincadeiras, jogos e adivinhas, enquanto serviam-se canjica, mongunzá, bolo de milho e bolo manué acompanhados de copos de aluá. Havia fogueiras para a noite inteira. Por volta das nove da noite, fartos de bolo e aluá, depois de ver a sorte nos amores revelada no espelho d'água no fundo de uma bacia, saíam, rapazes e moças para a grande festa do Chitão, no Clube, ou na casa ampla de um dos ricos da cidade, pai de moças casadoiras, baile a alongar-se, geralmente, até o raiar do sol.

O começo da festa, nem sempre agradava aos jovens, todos ansiosos por enlaçar, valsando, suas namoradas. Entediavam-se com uma falsa cerimônia de casamento em que um cidadão mais gaiato fingia-se de padre a consagrar a união de um casal de matutos, ato acompanhado por recitação de versos facetos. Depois a quadrilha.

Findas as cerimônias iniciais, a banda de músicos, a mesma presente às novenas e festas religiosas, principiava a tocar valsas, mazurcas, chotes, entremeando sambas, marchas e baiões. As moças, com suas acompanhantes, ficavam numa fila de cadeiras em frente às janelas do salão. Lá iam os rapazes buscá-las para a contradança. Cléia estava ao lado da tia, num bonito vestido de chita enfeitado com babados de tons vivos, feito por encomenda para a festa; a cabeça, enfeitada com um grande laço de tafetá vermelho a repuxar os cabelos até o meio da cabeça e depois, soltando-os em cachos sobre as orelhas, espalhando-os pelos ombros, emoldurando o rosto, João Milton, com toda a emoção de um enamorado, ao som de uma valsa, chegou em frente à moça e lhe pediu a parte. A acompanhante, um tanto timidamente, tentou interferir, tarde demais. Cléia apressou-se em levantar-se e enlaçar-se ao rapaz. Durante os minutos da dança, o rapaz a sussurrar-lhe aqueles termos formais dos primeiros momentos do namoro;

perguntas inocentes sobre preferências musicais e literárias; outros para saber se podiam se encontrar novamente, em que lugar, e todas estas banalidades do primeiro diálogo entre apaixonados, no encontro primordial, depois de vencida a barreira natural da distância entre os dois. Olhavam-se, agora, distantes do mundo, como a examinar-se, ele a falar de seus olhos, quando a música parou. Cavalheirescamente, foi deixá-la em sua cadeira, mantendo o cerimonial que se exigia. Sob o olhar severo da tia ainda lhe perguntou se lhe concedia outra dança. Acenou que sim sem antes olhar desconfiada para sua guardiã.

Um certo silêncio fez-se quando os músicos fizeram uma pausa para tomar um gole de cerveja ou um copo de aluá, só um murmúrio de vozes desencontradas percorria o salão. A tia de Cléia levou-a até junto de um grupo de senhoras, disse-lhe, de modo enérgico, alguma coisa e retirou-se apressada. Os músicos de volta a seus lugares executaram uma marchinha e lá se foi João Milton novamente tirar Cléia para dançar. Uma senhora quis objetar, mas a moça, fazendo-se de desentendida, aquiesceu e entregou a mão ao seu par saindo em revolutes ao som alegre da música. A orquestra atacou sucessivas partes, sem parar. Numa das voltas pelo salão o casal notou a presença dos pais de Cléia ao lado da tia que se ausentara. Pararam de bailar, por iniciativa de Cléia. Ao som ainda da marcha a moça dirigiu-se aos pais abandonando o par no meio do salão. João Milton, um tanto perplexo, viu o grupo sair do baile. A festa acabou, para ele, para eles.

### **CRENÇA, POLITICA E AMOR**

Domingo, a Igreja Matriz celebrava nada menos que quatro missas: às seis, oito, nove e dez horas. As duas primeiras, mais longas ministradas pelo Padre Antero, o vigário, eram assistidas pelos casais de preferência. Lá estavam sempre os notáveis da cidade e suas mulheres. Nessas duas missas o vigário costumava fazer os sermões levando a palavra da Igreja sobre questões do momento, sem esquecer a política. As duas outras eram celebradas pelo padre Mário, vigário auxiliar e era assistida, de modo geral, pelos mais jovens, por aqueles que se deixavam no leito até mais tarde e só iam à Igreja de-

pois do café com tapioca, bolo de milho ou cuscuz. As beatas, as vitalinas, embora já tivessem assistido missa cedo, vinham novamente para ajudar no coro, para puxar as rezas e para a conversinha, às vezes mordaz e cruel sobre a vida da cidade, a atuação dos políticos, o comportamento dos homens, sem esquecer os namoros dos jovens. Os padres não dispensavam a separação por sexo, mulheres de um lado, homens de outro. Só os casais mais respeitáveis sentavam-se juntos nas primeiras filas de bancos.

Há a'gum tempo, inaugurando modos novos de falar, o vigário subia ao púlpito a verberar contra ateísmos, a condenar certas liberalidades da recém-inaugurada redemocratização e a aconselhar o povo a preferir certos políticos locais, os ude-nistas, aos antigos "marretas", agora pessedistas. O vigário auxiliar, mais moderado, preferia os pessedistas. Quando esses discursos eclesiásticos passaram a ser mais freqüentes, aguçadas as disputas partidárias da campanha eleitoral de 1947, via-se, de vez em quando, uma família a retirar-se da Igreja, sem motivos aparentes. Podia-se ver também que a separação, dentro da nave, nas fileiras de cadeiras e bancos, a divisão tornara-se maior. Agora famílias inteiras só ficavam à esquerda, enquanto outras, independente de sexo, só ficavam à direita.

Os Ferreira Vasconcelos, via-se agora, estavam sempre à esquerda do altar, com seus dignitários, seus rapazes, suas moças e suas vitalinas, filhas de Maria. Em torno, os parentes, os Carneiro de Vasconcelos, os Aragão, os Ximenes, os Linhares e tantos outros.

À direita via-se sempre os Aguiar e sua parentela, entre eles alguns Vasconcelos, inclusive a família de Cléia, filha de primos distantes dos Ferreira de Vasconcelos.

Quando João Milton ficava cá na entrada da nave procurando ver sua namorada, posta lá nas primeiras filas, com a família, vigiada, notava a freqüência com que as vitalinas daquela família lhe olhavam depois de uma e outra se falarem ao pé do ouvido.

A divisão, depois de alguns comícios feitos no centro da praça, lançando candidatos a governador e prefeito, esten-

deu-se ao resto da cidade. Muitos evitavam passar pela calçada da casa dos desafetos políticos, até mesmo pela mesma rua, fugindo a eventuais e desagradáveis encontros.

Após a saída brusca de Cléia do baile do "Chitão", tornou-se cada vez mais difícil a João Milton vê-la. Vivia a moça, agora, sob guarda severa de uma criada, afastada que fora a antiga guardiã. Já se haviam passado muitos dias quando Cléia, com a complacência de amigas, para a casa das quais fora, conseguiu fugir, à tardinha, até a ponte. Para lá também fora levado, por iniciativa dos amigos, o seu namorado. Coniventes todos, moças e rapazes, deixaram Cléia e João Milton a sós, sentados numa das pilastras. A conversa foi breve, com juras de amor e terminou com um leve beijo, um roçar de lábios na face da moça chamada às pressas pelas amigas pelo adiantado tempo dado para o breve encontro. Os olhos molhados, agora também os do rapaz, se miraram num mudo adeus.

## PASTORAL

Correu de mão em mão, por entre rapazes e moças frequentadores das tardes na Estação, das rezas na matriz e dos passeios na avenida, à noite, um soneto cheio de sentimento, versos plangentes sobre a separação de um "pastor" e uma "pastora", vazados em decassílabos, à moda clássica como se cultivava até então no ensino colegial. Tal peça literária foi tida como de autoria, era bem certo, do estudante de letras clássicas João Milton de Vasconcelos. Este soneto surgiu depois dos episódios de separação entre ele e Cléia, a família dela procurando, a todo custo, evitar o namoro.

O autor então anônimo, falava, neste soneto ingênuo e juvenil, de suas dores de amor e foi dado a público quando as vitalinas divulgaram, com seus insistentes cochichos malevolentes, o noivado de Cléia, arrumado por seus pais, com um certo Eudes, também Vasconcelos, morador na Santana do Acaraú, a vir proximamente a Massapê, com seus pais, para a cerimônia do noivado.

Podia-se ler nos cadernos de versos e canções das moças namoradeiras os quatorze versos de sabor clássico, dito assim:

Pastora!

Junto de mim uma pastora havia  
Tão bela e tão faceira como uã rosa  
E em cima desta terra eu garantia  
Como ela não haver uã tão formosa.  
Oh! mas eis que é chegado um horrível dia:  
Esta pastora bela e tão airosa  
Embora foi-se p'ra outra moradia  
E ficou cá minh'alma mui saudosa

Por haver a Pastora se ido embora  
P'ra uã pastagem talvez onde pastor  
Como eu não houvesse. Mas também a hora  
Para eu partir também eis que chegou,  
E este pastor sairá tristonho agora  
atrás de outra pastagem e de outro amor.

Ao contrário do que o sonetista prometia, João Milton não partiu. Recusou-se a voltar às aulas, terminadas as férias. Deixou-se ficar, macambúzio, na casa do avô, na Rua da Palma, um casarão pintado de verde, três janelas abalaustradas, com uma inscrição de ponto em branco, numa espécie de escudo, na platibanda: GVF, 1912, o anagrama do dono da casa — Guilherme Ferreira de Vasconcelos e a data da construção.

### TODO ANJO É TERRÍVEL

O cego Chagas Isabel, vestido num **dólmã** de mescla sempre muito limpo e abotoado até o gogó, tinha seu ponto bem na esquina do mercado. Era uma figura estranha: branco, os cabelos louros penteados em cachos a cair sobre os ombros, os olhos sem luz escondidos atrás de óculos de lentes azuis, sentava-se num banquinho, cruzava a perna direita sobre a esquerda e no dedão do pé prendia um maracá com que acompanhava suas cantorias batendo também num tamborim. No chapéu posto no colo, recebia suas esmolos. Cantava sempre uma canção, talvez de sua autoria, em que dizia:

“Madalena, Madalena meu amor,  
você de mim não tem pena,  
faz jogo de cena  
e eu quebro seu orgulho  
e você vai me querer”...

João Milton, quando Cléia, com sua acompanhante, passava rumo à Igreja, punha uma moeda no chapéu do cego e pedia-lhe para cantar tal modinha. A menina entendia o recado, o namorado queria lhe falar. Amigas obsequiosas iriam arranjar mais um encontro, na ponte, à tardinha. Assim se fez, mais uma vez, naquele dia. Nos cinco minutos em que ficaram de mãos dadas junto às pilastras, João Milton quis saber sobre o tal noivado, queria ouvir da própria Cléia o que havia de real sobre tal propósito de seus pais em fazê-la casar-se com o primo Eudes.

Lacrimando a moça lhe confessou a verdade e lhe disse de seus desgostos e tormentos com a mãe e o pai a constrangê-la, a forçá-la àquele casamento. Alegavam a inimizade política, o PSD e a UDN separando os Ferreira de Vasconcelos dos Vasconcelos de Santana, de onde vinha a família de Cléia. Num papel de carta, Cléia copiara uns versos presenteados, naquele momento, a João Milton, diziam: “A quem amo, querem que despreze; a quem desprezo querem que eu ame”.

O sol se pondo, as amigas vieram chamar Cléia e os dois namorados recusaram-se a separar-se, queriam mais uns minutos, abraçaram-se e beijaram-se voluptuosamente, como a despedir-se. Um trem de carga apitou na curva e o grupo de moças e o rapaz saíram de sobre a linha, caminhando em direção à cidade, João Milton, acintosamente, prendendo a mão de Cléia, desafiando a tirania paterna e a intolerância política.

Foi a última vez a estarem juntos. Os pais de Cléia aumentaram a vigilância e prenderam-na em casa, saindo só para ir à missa, em companhia do pai e da mãe, nem mesmo ao colégio ia mais. João Milton ficava horas, na esquina do mercado, ouvindo o cego Chagas Isabel na esperança baldada de vê-la passar da casa para a Igreja ou para o colégio. As outras horas gastava-as no salão da casa do avô lendo as “Elegias de Dui-

no”, de Rainer Maria Rilke, em tradução portuguesa, repetindo, de vez em quando, um verso da “Terceira Elegia”: “Todo anjo é terrível”, para espanto das beatas da casa.

## SILÊNCIO

Findava setembro, a campanha eleitoral de 1947 acirrava-se. A amplificadora passava o dia todo falando nos candidatos da UDN. Seu dono comprara um motor a gasolina para não depender da usina de luz. Oito horas e já começava o berreiro do locutor anunciando músicas e nomes de candidatos. Este desfilar de nomes e futricas políticas só terminava alta noite, quando a cidade se recolhia. O clima era tenso, toda a cidade empenhada na disputa entre os dois partidos.

O tempo passara. Eudes viera com seus pais e a cerimônia de noivado foi celebrada, para desgosto de Cléia, com um lauto almoço. Com isto os pais pareciam ter esquecido o namoro contrariado de Milton e Cléia. A moça voltara a andar novamente pelas ruas, sempre acompanhada da mãe ou de uma tia e mesmo da avó. Raramente era vista sozinha e, na sua condição de noiva, embora contra a vontade, e obediente à vontade paterna, evitava encontrar-se com Milton, para quem tinha sempre um discreto sorriso e um olhar enternecido, quando seus caminhos se cruzavam.

Aconteceu então o que jamais se poderia imaginar. João Milton estava na esquina do mercado ouvindo a voz esganiçada do cego Chagas Isabel, quando divisou Cléia vindo da Rua dos Canudos em direção à Igreja. Rápido correu até sua casa, a uns duzentos metros e de lá veio desabalado escondendo algo dentro da camisa, seguro pela mão direita. Na altura da barbearia do Deca Ponte, o rapaz defrontou-se com a ex-namorada e do cós sacou um revólver disparando-o mais de uma vez contra a infeliz menina, acertando-lhe o peito. Cléia, ao primeiro tiro foi atirada contra a parede. Caiu, esvaindo-se em sangue, ao receber outros tiros, morreu com o nome de João Milton nos lábios e valendo-se de Nossa Senhora. Diante da moça ainda quente e banhada de sangue, o rapaz virou o revólver contra sua própria cabeça. Na sofreguidão do momento, não conseguiu acertar o crânio, uma bala apenas raspou-lhe a

cabeça derrubando-o ao solo, atordoado. Refeito do choque, o revólver vazio, vendo-se ainda vivo, o cadáver de Cléia sobre a calçada, precipitou-se, na sua ânsia suicida, até a mesa do barbeiro e lá pegou de uma navalha. Com ela passou a procurar a morte, tentando cortar a garganta. Mais de uma vez cortou-se, o sangue a banhar-lhe o peito, a navalha cortando novamente o pescoço até cair exangue, ainda com a navalha na mão. Perplexo, Deca Ponte não teve ânimo de intervir e assistiu, com um freguês na cadeira, o rapaz agonizar. Durou pouco a agonia, um golpe cortara-lhe a carótida. Um reboliço. A cidade toda veio ver os dois jovens cadáveres estendidos agora lado a lado, sobre bancos na barbearia. Naquele trágico momento ainda se ouvia o vozeirão de Chico Alves cantar na radiadora: "... ilusão que viveu um instante e morreu junto a alguém inconstante... silêncio, não batas tanto assim meu coração... silêncio"...